

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT05.011

O CONHECIMENTO HISTÓRICO DO FEMINISMO PARA A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO SOCIAL ANTIPATRIARCALISTA

THAMIRES MAIA PAULA OLIVEIRA

Mestranda em Educação da Universidade Federal do Tocantins, thamiresmaia@hotmail.com;

RESUMO

O artigo aqui exposto analisa princípios que descrevem o primórdio do patriarcalismo e o identifica como forma da causa e efeito do preconceito de gênero existente ainda na atualidade, o retorno à origem visa esclarecer que a ideologia patriarcalista não foi somente um acaso, ela foi planejada e construída para que a classe das mulheres e classes menos favorecidas politicamente, não dispusessem chances de se equiparar aos da classe dominante. Alicerçado com apoio total do Estado Capitalista, o patriarcalismo perpassou séculos e permanece de forma autocrática nos campos políticos e sociais. Uma temática tão inadiável e fundamentadora de novas culturas e condutas, não devem continuar sendo ignoradas; necessita-se de novas políticas, amparo e exemplo advindo do Estado, para que as transgressões sejam reais. É sabido que há um longo caminho para a realidade ideal, no entanto, procrastinar com a realidade real não colabora com nenhuma perspectiva de renovação. Visto que, a falta de conhecimento leva à ignorância e preconceitos, entende-se que o percurso para essa realidade ideal, inicie-se com a disseminação do conhecimento adequado de forma institucionalizada e supervisionada pela rede pública, levando aos quatro cantos do país uma educação equalizada, diversa e tipificada com seu povo, para que assim, pouco a pouco a sociedade possa se transformar em uma nação mais respeitada.

Palavras-chave: Gênero, Mulheres, Opressão, Sociedade.

ABSTRACT

The article presented here analyzes principles that describe the beginnings of patriarchy and identifies it as a form of cause and effect of gender prejudice that still exists today. built so that the class of women and classes less favored politically, would not have chances to match the ruling class. Founded with full support from the State, patriarchy spanned centuries and remains autocratic in the political and social fields. Such a topic that cannot be postponed and is the foundation of new customs and conduct should not continue to be ignored; new policies, support and example coming from the State are needed, so that the transgressions are real. It is known that there is a long way to the ideal reality, however, procrastinating with the real reality does not collaborate with any prospect of renewal. Since lack of knowledge leads to ignorance, it is understood that the path to this ideal reality begins with the dissemination of adequate knowledge in an institutionalized way and supervised by the public network, taking to the four corners of the country an equalized education, diverse and typified with its people so that little by little society can transform itself into a more respected nation.

Keywords: Gender, Oppression, Society, Women.

INTRODUÇÃO

Essa dissertação tem como objetivo elucidar o nascedouro do movimento patriarcal, para que a partir dessa concepção, possamos refletir as causas e efeitos que originaram a ideologia patriarcalista que ainda segue presente nos dias atuais. Para promover essa tarefa, discutiremos livros que narram a construção do referido conceito, iniciando por “A criação do Patriarcado” (1986) de Gerda Lerner.

O feminismo nasce como forma de luta e resistência das mulheres que tiveram discernimento para compreender que apenas por seu gênero, sua classe foi subjugada e oprimida sem nenhum tipo de pudor ou receio, enquanto os homens deixavam o campo para trabalhar nas fábricas, as mulheres permaneciam no campo e nos lares cuidando de seus filhos e do trabalho doméstico sem nenhum reconhecimento, afinal, trabalhar em casa era encarado como obrigação e não contribuição para a economia e crescimento da família. Trabalho esse não remunerado e exaustivo, uma vez que pelo mesmo além não reconhecimento, não se obtinha folga, apoio ou qualquer prestígio, além de ficar com a total responsabilidade da educação dada aos filhos, comumente sendo julgadas por um filho (a) se desviar do convencional para a época.

O movimento feminista começou a ganhar força no final do século XIX e início do século XX, onde deu-se a primeira onda marcada por lutas por direitos básicos, como o direito ao voto, à educação e à igualdade de oportunidades econômicas, sociais e culturais. A classe dominante patriarcal foi planejada e articulada para que os homens não tivessem seu poder ameaçado pelas mulheres e também pelos homens que não pertenciam ao cerne dos grupos predominantes no domínio, portanto, não é difícil a compreensão de que o feminismo não somente lutava e luta pela igualdade de gênero, mas pela igualdade social.

Ao longo do tempo, o feminismo evoluiu e se diversificou, dando origem a diferentes correntes e abordagens, o feminismo de segunda onda, nas décadas de 1960 e 1970, já com fortes nomes do movimento, trouxe à tona questões como a igualdade salarial, o direito ao aborto e a violência doméstica. Assuntos esses variados para debaixo do tapete ainda nos dias de hoje, as mulheres viveram e ainda vivem de forma a subsistência do homem, necessitando sempre provar o seu valor, seus conhecimentos e sua narrativa. A luta nunca parou, ela se modificou, aprimorou, mas para uma mulher, sempre será mais difícil provar assédio e discriminações,

para cada mulher que vai atrás do seu direito, existem dez homens dizendo: - mas também, olha como ela se veste, - já vai começar o vitimismo e o mi mi mi, - porque não ficou em casa cuidando das crianças?

Já o feminismo de terceira onda, a partir dos anos 1990, enfatizou a interseccionalidade e a diversidade de experiências das mulheres, buscando incluir vozes marginalizadas, como as mulheres negras, LGBTQIAP+ e com deficiência, mais uma vez para quem pouco pesquisa sobre o movimento feminista, é fácil chegar na visualização de que o feminismo não é uma luta de uma só classe, não é somente uma luta de mulheres, é uma luta de toda uma sociedade esquecida e rebaixada. A história é prova viva do quanto as mulheres foram anuladas da maioria dos acontecimentos denominados importantes para formação de concepções e meio investigativo da sociedade atual.

Os nomes omitidos e censurados foram muitos, Maria Leopoldina não teve seu nome enaltecido por ter conduzido a sede monarca durante as viagens de Dom Pedro, muito menos por participar de acordos e liderar decisões na monarquia portuguesa. Marie Curie contribuiu com o prêmio Nobel de seu esposo, no entanto, não teve seu nome enaltecido por esse mérito, precisou conquistar o seu próprio. Emmy Noether, teve papel essencial na álgebra abstrata, trabalhou por 25 anos sem receber salário por não ser considerada merecedora e apta para tal função; Rosalind Franklin, autora da imagem que mostra o formato de hélice do DNA teve seus dados roubados por um homem que por muito tempo ganhou fama a suas custas.

Maria Quitéria de Jesus, a primeira mulher a integrar as forças armadas do Brasil, se escondia atrás do personagem que criou: Soldado Medeiros, após ser descoberta por seu pai, foi defendida pelo comandante do batalhão que lhe deu permissão para continuar no exército. Simone de Beauvoir, grande filósofa, intelectual, ativista e professora, teve seu nome anexado à lista negra do vaticano quando lançou seu livro "O segundo sexo", por ser ele considerado agressivo demais. Retornando ainda aos dados do Nobel, apenas 5% dos prêmios foram entregues para mulheres, algumas delas, muitos anos depois de mortas.

A problemática dentro da própria classe das mulheres se desencadeia dessas camuflagens, mulheres que já estavam acostumadas a estar sempre à sombra dos homens, como se levantariam? De qual forma obteriam coragem e forças para enfrentar uma classe cheia de narrativas condecoradas como a história fez sempre questão de emplacar? Em qual arquétipo poderiam se agarrar para que a narrativa se modificasse? Exatamente por esse motivo, as mulheres feministas tiveram e tem

tanta relevância e importância na história da evolução das conquistas das mulheres. Sendo assim, facilmente entender o motivo de tanto julgamento e intolerâncias com o movimento feminista, que se pôs ao propósito de libertação e luta das mulheres e das classes marginalizadas.

Nesse sentido, a análise que parte através da história do patriarcalismo, para podemos compreender como corroborar para que as discussões e transformações necessárias ocorram de forma mais assertiva e efetiva na sociedade, promovendo perspectivas de avanço e explanação do conceito feminista de forma a amenizar a rejeição, opressões e negações de que essa discussão é necessária e libertadora tanto para as mulheres, tanto para os homens.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para esta escrita veio da realização de leituras e discussões bibliográficas de textos advindos de escritoras e historiadoras ativistas feministas, que relatam a criação e construção do patriarcalismo como forma dominante da sociedade masculina intencional planejada pelo Estado como intenção de manter no poder sempre pessoas do cerne dominante. As leituras foram escolhidas priorizando tempos e temas diferentes para que assim a discussão obtivesse um conjunto de informações que pudessem se sincronizar no objetivo do discurso que é a liberdade e igualdade das mulheres na sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A disposição gênero foi utilizada para declarar a discriminação sofrida por mulheres em vários níveis; social, interpessoal, e principalmente profissional, criado no início dos anos sessenta, o conceito gênero adquiriu relevância por intermédio de personas feministas, professoras e teóricas que desejavam a inserção e significância devida das mulheres na sociedade, no domínio público do trabalho, política, educação e outros espaços sociais ora não alcançados. Fato este, mais antigo que a civilização, a negação da história das mulheres e a subordinação aos homens afetou estruturalmente e psicologicamente mulheres e homens.

Antes mesmo da propriedade privada e da sociedade de classes, ocorreu a apropriação da função sexual e reprodutiva das mulheres pelos homens. Estados

arcaicos foram organizados no formato do patriarcado, assim, desde sempre o Estado se interessava pela permanência do modelo de família patriarcal.

A explicação tradicionalista concentra-se na capacidade reprodutiva feminina e vê a maternidade como maior meta de vida das mulheres, definindo, assim, como desviantes mulheres que não se tornam mães. Considerava-se função materna uma necessidade da espécie, uma vez que as sociedades não teriam conseguido chegar à modernidade sem que a maioria das mulheres dedicasse quase a vida adulta a ter e criar filhos (LERNER, 2019, p. 34).

Ainda de acordo com LERNER, ***“A opressão das mulheres precede a escravidão e a torna possível”***. Partindo dessa premissa, o patriarcalismo cria um enraizamento dessa cultura na sociedade e a alimenta para a continuidade da opressão de forma tão impositiva que mesmo quando alguma mulher tinha ciência da situação vivida, não tinha espaço e forças para lutar contra o que estava posto pelos homens dominantes. A subestimação das mulheres foram inúmeras, inicialmente, a força física foi usada como forma de aprisioná-las em casa enquanto o homem saía para caça, quando gestantes, a ideia de ser a melhor escolha para proteção à prole, logo em seguida, a função exclusiva do cuidado, alimentação, educação e instrução da criança, posterior a isso, a concepção de inteligência inferior à do homem por ser ele o único a ter contado com o mundo externo, do trabalho, comércio e negócios.

A vedação ao acesso da mulher ao mundo público foi de forma enraizada na sociedade que se mantém no centro da desigualdade de gênero até hoje. Independentemente da agenda que a mulher defendesse, ela sempre era – e ainda é – alvo de uma modalidade bem definida de controle e repressão, que se valia de estratégias como a violência política de gênero, os apagamentos nos processos e de construção de memória e as distorções narrativas. O objetivo desse vasto repertório tático é mantê-las fora da cena pública e dos espaços de decisão, estancando, impedindo e desencorajando um outro futuro possível (STARLING, 2022, p.30).

Mesmo em nossa atualidade, após progressos assertivos para a desconceitualização das mulheres em todos os espaços sociais como exemplo, a institucionalização do voto, direito a candidatura, ocupação em diversas funções profissionais, inclusive políticas, há ainda o sofrimento com a ideologia da família patriarcal, família essa que simula aceitar o progresso das mulheres, permitindo

que elas se formem e tenham suas profissões seguidas, entretanto, somente até quando esses avanços não atrapalhem as prioridades da família patriarcal, que é ser a provedora e comandante do lar, um ser estereotipado e cobrado à função responsável por ter ou não sucesso da ascensão e resultados dos filhos e da base familiar.

No Brasil, a maioria da população é representada pelo gênero feminino, foram elas as primeiras a conquistar o direito ao voto na América Latina, porém, ocupam apenas uma porcentagem mínima dos assentos da Assembleia Legislativa e Senado Federal, esses dados, deixam as brasileiras numa posição de número 108 entre os 155 países no índice de produzido pelo fórum econômico mundial de empoderamento das mulheres.

Os séculos se passaram, conquistas foram alcançadas, mas a sociedade continuou sua evolução com o preconceito arraigado sobre as mulheres ocuparem todos os espaços sociais e principalmente espaços de poder, e não somente vindo dos homens, mas também das próprias mulheres.

O sistema do patriarcado só pode funcionar com a cooperação das mulheres. Assegura-se essa cooperação por diversos meios: doutrinação de gênero, carência educacional, negação às mulheres do conhecimento da própria história, divisão de mulheres pela definição de “respeitabilidade” e “desvio” de acordo com suas atividades sexuais; por restrições e coerção total; por meio de discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político e pela concessão de privilégios de classe a mulheres que obedecem (LERNER, 2019, p.272).

A negação do conhecimento histórico do feminismo não é precedida apenas dos homens, não é um movimento monolítico, mas sim um conjunto de ideias e práticas que se adaptam às necessidades e demandas das mulheres em diferentes contextos históricos e sociais. O feminismo é uma luta por igualdade de gênero, mas também por justiça social e direitos humanos, inúmeras mulheres não dão a devida importância para o entendimento do motivo de tal subjugação sofrida pela classe e defendem com veemência o modelo de família patriarcal, por ser ele o defendido pelo conservadorismo e cristianismo que utilizam alusões às escrituras da bíblia que se referem à submissão e obediência da mulher, apoderando assim somente a figura masculina que é descrita como o provedor, protetor e a cabeça do relacionamento.

O medo do desconhecido leva as pessoas a desenvolverem preconceitos como uma forma de autoproteção, podendo gerar estereótipos e discriminação, grupos dominantes perpetuaram esses preconceitos para manter seu status e privilégios, enquanto grupos marginalizados internalizaram estereótipos negativos devido à opressão sistemática que enfrentam.

Nossos cérebros têm uma tendência natural a categorizar e simplificar informações complexas, tendência essa que leva a generalizações e estereótipos preconceituosos, pois tendemos a agrupar pessoas com base em características superficiais.

hooks bell¹, destaca em seu livro: e eu não sou uma mulher? Sobre a desvalorização da mulher, em especial a mulher negra, que representa uma classe historicamente silenciada dentro do movimento feminista e afetada intensamente pelo machismo. Nesse viés, a autora discorre sobre as raízes sexistas e misóginas trazidas pelos europeus na ocupação das américas e como esse fato se fez presente nos séculos seguintes, haja vista que as mulheres negras foram extremamente objetificadas e violentada sem nenhum escrúpulo ou culpa, interpretadas como meros objetos ausentes em dignidade, humanidade e prontas para serem exploradas e servir as vontades, quaisquer que essas fossem, dos seus senhores.

Por essa perspectiva, no período de escravatura o sistema patriarcalista impulsionou o ódio entre as mulheres, pois as escravizadas eram constantemente usadas como amantes e propriedade dos senhores, logo, as esposas brancas sentiam-se ofendidas e já que não podiam se impor aos maridos, elas usavam do seu privilégio de branquitude para descontar suas frustrações matrimoniais e vivências opressoras dentro do lar nas civis negras.

Não obstante, tal realidade se perpetuou dentro dos movimentos de antirracismo, notoriamente por meio da desconsideração do poder de fala dessas personalidades e na constante masculinização da negritude feminina, entre uma de suas formas preconceituosas podemos citar o uso equivocado do conceito de matriarcalismo designado a essa parcela social, desconsiderando seus traumas passados, a instabilidade econômica vivenciada por elas e por continuarem a serem alvos do desprezo dos homens negros, uma vez que esses últimos acreditavam

1 A autora Gloria Jean Watkins, escolheu como pseudônimo em homenagem à sua avó, bell hooks, grafado em minúscula porque é um posicionamento político da recusa egóica intelectual.

terem sido desprestigiados de sua masculinidade com a necessidade de autossuficiência dessas mulheres.

Os líderes negros do movimento tornaram a libertação das pessoas negras sinônimo da conquista do direito de assumir o papel de patriarca, de opressor sexista. Ao permitir que os homens brancos ditassem os termos pelos quais definiram a libertação negra, os homens negros escolheram endossar a exploração e a opressão das mulheres negras. Ao fazerem isso, comprometeram-se. Não foram libertados do sistema, mas libertados para servir o sistema. (hooks bell, 2022, p.286.)

Em continuidade, tal configuração também foi notória dentro da própria organização feminista, uma vez que no discorrer das primeiras convenções pelos direitos das mulheres, as reivindicações das mulheres negras eram desconsideradas e essas cidadãs eram proibidas de opinar, sendo até mesmo acusadas pelas feministas brancas de desqualificarem a integridade e seriedade do movimento. Por uma visão aprofundada, essa aversão e embate étnico de revolucionárias feministas é de extremo interesse para a continuação e fortalecimento do patriarcalismo e a configuração desigual da atual da sociedade.

Dessa forma, é imprescindível as discussões e inclusão das mulheres negras dentro do feminismo contemporâneo e o entendimento de que o inimigo em comum de toda e qualquer etnia feminina é o sexismo vigente, e, como citado anteriormente, o princípio fundamental da movimentação social pela equidade de gênero é, também, o retratamento racial e luta contra todos os estigmas impostos desde os primórdios da colonização na coletividade.

Contudo, não sendo essa uma escolha homogênea, cabe-nos dar visibilidade e acesso ao tema para aquelas e aqueles que entendem que uma sociedade mais feminista também será uma sociedade mais igualitária, mais tolerante e respeitosa com todos os modelos de famílias e comunidades, direcionando as responsabilidades com igualdade independente de gênero, lembrando sempre que o filho (a) gerado (a) ou adotado (a) é de responsabilidade igual dos membros da composição desta família.

Crianças não nascem preconceituosas, crianças aprendem a ser preconceituosas, assim o preconceito não é inato, mas sim aprendido e internalizado ao longo do tempo. Portanto, isso também significa que é possível desaprender e desafiar essas atitudes preconceituosas por meio da educação, do diálogo e da exposição a

diferentes perspectivas. Se uma criança não tem convivência e esclarecimento com a diversidade, essa criança reproduzirá o que o meio de convívio a oferta.

A família patriarcal chega ser paradoxo, um modelo que se mantém nesse modelo por ser conceituado como o modelo convencional e correto, no entanto, não praticam a generosidade e respeito ao próximo que tanto pregam dentro de suas casas, transformando assim, suas crianças em pessoas intolerantes, racistas e machistas, por claramente se acharem melhor do que outros modelos de família.

Os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade. É muito difícil desapegar-se deles, e por isso é importante cuidar que Chizalum rejeite esses estereótipos desde o começo. (ADICHIE, 2021, p.28).

Não é incomum até para uma pessoa despreconceitualizada e esclarecida, cair em falso diante algumas situações do dia a dia. Desde a infância, somos expostos a normas, valores e crenças que moldam nossa visão de mundo, a socialização desempenha um papel fundamental na formação de atitudes e estereótipos preconceituosos, transmitidos por meio da família, escola, mídia e outros agentes sociais. A mídia desempenha um papel significativo na formação de atitudes e crenças, representações estereotipadas e negativas de certos grupos podem reforçar preconceitos existentes ou criar novos, infelizmente o arraigamento e o reforço dos preconceitos são difíceis de serem retirados até daqueles que não concordam com as ações arcaicas, exige um discernimento e guarda constante das palavras e menções feitas através de seu conhecimento cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a história do feminismo nos mostra que a luta pela igualdade de gênero é contínua e necessária. É preciso avançar desafiando as estruturas patriarcais e segregacionistas trabalhando para construir uma sociedade mais justa e igualitária afim de que todas as pessoas, independentemente de seu gênero, profissão e classe social sejam respeitadas e tenham garantia dos seus direitos plenos.

É indubitável que a participação do Estado e dos educadores, seja também constante e com práticas que desenvolvam a pesquisa e aprimoramento do tema, para que assim, esses façam a transmissão para seus estudantes e comunidade

escolar. Da mesma forma, é dever de toda a sociedade, cobrar do Estado políticas públicas mais eficazes e assertivas para que o tema se instale em todas as redes escolares, como parte da formação integral os indivíduos que ali frequentam e precisam ser representados de forma regulamentar desenvolvendo a autonomia que de seus ancestrais foram coibidas.

REFERÊNCIAS

Adichie, Chimamanda Ngozi: **PARA EDUCAR CRIANÇAS FEMINISTAS**: um manifesto. São Paulo, 2021.

hooks, bell. **ENSINANDO A TRANSGREDIR**: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **O FEMINISMO É PARA TODO MUNDO**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos, 2020.

hooks, bell. **E EU NÃO SOU UMA MULHER?** mulheres negras e feminismo: Rio de Janeiro, Rosa dos tempos, 2022.

Lerner Gerda; tradução Luiza Sellera. **A CRIAÇÃO DO PATRIARCADO**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

Starling, Heloísa M. (org.); Pellegrino, Antonia (org.). **INDEPENDÊNCIA DO BRASIL**: as mulheres que estavam lá: Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022. **o dos animais e o judiciário**. Disponível em: <http://submissoes.al.rs.gov.br/index.php/estudos_legislativos/article/view/20/33>. Acesso em 15 maio. 2023

NUSSBAUM, Martha. Human capabilities, female human beings, in **Women, culture and development**: a study of human capabilities. Martha C. Nussbaum and Jonathan Glover (eds.), Clarendon Press: Oxford. 2006.

PEREIRA, R.S. **A dignidade da vida dos animais não-humanos**: Uma fuga do antropocentrismo jurídico. Disponível em: <http://www.ecoagencia.com.br/documentos/dignidadeanimais.PDF>. Acesso em 2 de junho de 2023.

RICONI, A.; GONÇALVES, D.S. Diálogos ecocríticos: uma análise literária da relação entre o sujeito e o espaço em *opúsculos morais*. In III CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURA E ECOCRÍTICA - **Diálogos ecocêntricos: arte, cultura e justiça**, 2017. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2017. 417p

SCHWARZ, Roberto. **A viravolta machadiana**. Novos Estudos Cebrap. Nº 69, São Paulo, julho, 2004, p. 15-34

SINGER, P. **Ética prática**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 19-20. 46 Ibid, p. 63.

SIQUEIRA, C.M. Machado de Assis, autor do Mito da Caverna, **Aletría**, nº especial, 2009.OSÓRIO, Alda Maria do Nascimento. **A transformação da educação escolar e sua influência na sociedade contemporânea**. InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.13, n.26, p.92-115,jul./dez. 2007